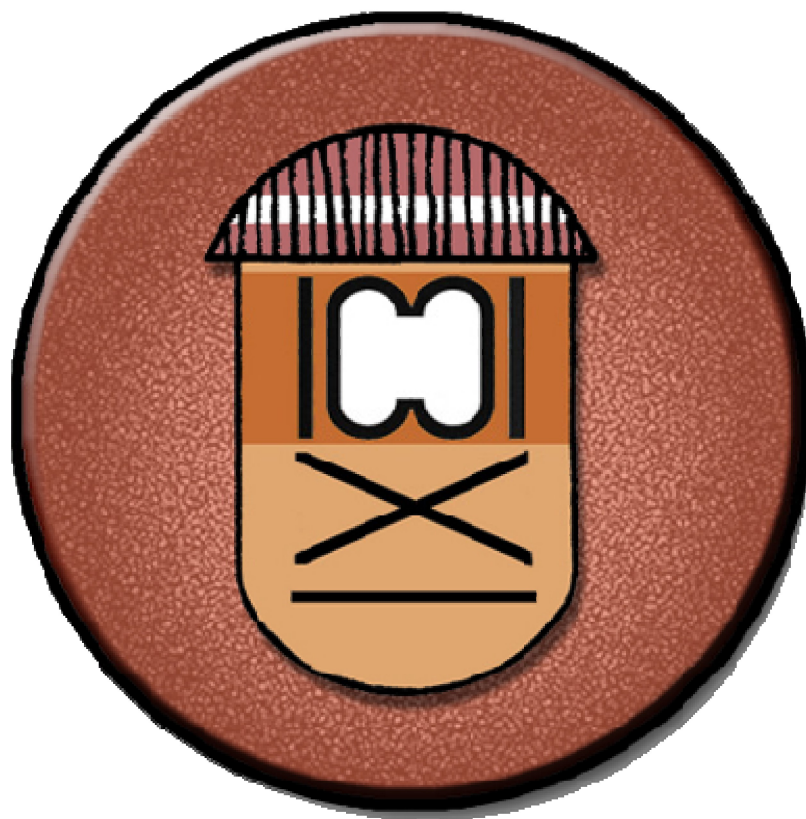


Comunicação & Antropologia Visual

Arlete dos Santos Petry
Eneus Trindade
Luís Carlos Petry
Nicolás Llano
(Organizadores)



IX Seminário Internacional
Imagens da Cultura / Cultura das Imagens

Fundadores da Rede ICCL:
José da Silva Ribeiro, Sérgio Bairon e Pedro Hellín



UNIVERSIDAD DE
MURCIA



Seminário Internacional de Rede ICCI – Imagens da cultura. Cultura das imagens
S471c (9. : 2013 : São Paulo)

Comunicação e antropologia visual / organizado por Arlete dos Santos Petry, Eneus
Trindade, Luís Carlos Petry e Nicolás Llano Linares.
São Paulo : INMOD / PPGCOM-ECA-USP, 2014.
1.440 p. : il.

Trabalhos apresentados no seminário realizado de 28 à 30 de agosto de 2013,
Escola de Comunicações e Artes/USP, São Paulo.
Capa: Luís Carlos Petry e Novaes Oc

ISBN 97885879632

1. Comunicação – Congressos 2. Antropologia visual – Congressos 3. Imagem I.
Petry, Arlete dos Santos II. Trindade, Eneus III. Petry, Luís Carlos IV. Linares, Nicolás
Llano V. Título.

CDD 21.ed. – 301.16

A formação interdisciplinar e não-disciplinar na produção de conhecimento: ou o que ainda temos a aprender. A habilitação do senso comum nas esferas heterárquicas da produção de conhecimento

Sérgio Bairon⁹

Resumo: This article proposes to expand the dialogue between what we call common sense and new cultural forms of knowledge production within the humanities and social sciences applied. We present theoretical and philosophical principles that call for the practice of creating new communication environments (cultural environment palinódico), within which coexists in equilibrium academic knowledge and community cultural knowledge. The result is that knowledge becomes a product of the action of a set of spaces heterarchy of contemporary communication, reducing the effects of institutional divisions as the main agents of validation of knowledge.

Palavras-chave: palinodic cultural environment; production of knowledge; common sense; cultural language; hypermedia; heterarchy spheres.

Introdução

As disciplinas do saber científico-educacional surgem na contraposição ao que podemos nomear de *sensus communis*. Senso comum cultural é como resolvemos nomear a tradição, sobretudo oral, das produções culturais populares. A questão central que propomos trata de um questionamento sobre a possibilidade de ampliação da presença do senso comum cultural em produtos produzidos no interior das pesquisas nas ciências sociais e nas humanas, desafiando a divisão estrutural das disciplinas e inaugurando uma nova forma de produzir conhecimento. O que significa, inevitavelmente, romper com alguns preceitos metodológico-científicos da do pensamento disciplinar, que delegam ao senso comum cultural somente o caráter de ser uma fonte documental.

Partimos do princípio que é no senso comum que está localizada a fonte de composição do imaginário cultural contemporâneo. Neste sentido, o imaginário deve ser compreendido como a expressão do pluralismo das imagens, no interior de composições heterárquicas e heterogêneas da comunicação sócio-cultural, que age em complementação ou divergência com seu entorno institucional (Durand, 1996, p. 215). É na relação entre o senso comum cultural e o imaginário, que estão localizadas as mais ricas associações entre sonhos, crenças, devaneios e narrativas ficcionais, assim como a ação discursiva de universos culturais transmitidos pela tradição oral e por conteúdos que sobrevivem imersos na contínua erosão e ressignificação dos sentidos coletivos e, por isso mesmo, ausentes das leituras das mais variadas disciplinas. A proposta é que a universidade reconheça esta ampliação contemporânea dos modos de produção do conhecimento e procure dialogar de maneira mais consequente com o senso comum

⁹ Sérgio Bairon est Livre-docente en Communication (Ecole de Communications et Arts de l'Université de São Paulo). Il est actuellement professeur dans cette même université où il coordonne le Centre de Recherches *CEDIPP* Centre pour la Communication Digital et de la recherche partagée.

cultural.

O objetivo é que no interior das instituições científicas passemos a contar com tradição presente no senso comum cultural como interlocutora da produção de conhecimento sobre fenômenos sócio-culturais, alcançando e reproduzindo uma prática já indicada por Durand, ao afirmar que o cogito está no interior do ser e não o inverso. No entanto, o desafio está no fato de encontrarmos um ambiente propício para que estes conhecimentos possam conviver, uma espécie de hipercenografia (Piault) que aja como entorno para o diálogo destas diversidades tradicionais que encontramos tanto nos modos formalização do conhecimento presentes no mundo acadêmico, quanto na organicidade do senso comum cultural. Não trata-se de defender uma harmonia entre diversidades discursivas, mas de propor ambientes de conversação que ofereçam um equilíbrio topológico entre intelecto e mundo sensível e que, concomitantemente, no interior das universidades seja um interlocutor de proposições teórico-filosóficas defensoras das propriedades epistemológicas do senso comum cultural:

“Esse equilíbrio (entre o intelecto e o afeto) se encontra, e é vivido enquanto tal, no senso comum, que foi tão estigmatizado durante toda a modernidade; está igualmente presente no pensamento orgânico das sociedades tradicionais; por fim, é um elemento incontornável da socialidade pós-moderna.” (Maffesoli, 1998, p. 28)

Maffesoli faz referência à construção do que poderia ser chamado de um “saber dionisíaco” que se aproximasse, ao máximo, de seu objeto, estabelecendo a topografia da incerteza e do imprevisível que dialoga com o não-racional de maneira heterarquica. Nesta topografia, ou hipercenografia, explorar as contradições (em abordagens interdisciplinares), pode ser tão ou mais importante que realçar interpretações coincidentes (em abordagens disciplinares), considerando que é justamente no interior do que se apresenta como paradoxal que desestabilizamos qualquer intencionalidade de domínio da razão puramente instrumental. Ou seja, o paradoxal representa o espaço que, não cessando de se inscrever, alarga as fronteiras para o princípio do equívoco como compreensão. No interior deste “saber dionisíaco”, o equívoco como compreensão é princípio *sine qua non*, que deve fazer parte das próprias estratégias de produção do conhecimento. E como fazê-lo sem redefinir e recompor as estruturas disciplinares do mundo acadêmico. E como fazê-lo sem reinaugurar as bases midiáticas do poder editorial que age como formalização e divulgação do saber acadêmico? Nomeio esta proposta de ambiente, que objetiva repensar as formalizações midiáticas do saber acadêmico de entorno cultural palinódico. Entorno porque pressupõe a criação e produção de ambientes digitais como verdadeiras habitações para os diálogos. E palinódico porque, como definia R. Barthes, a linguagem inevitavelmente se desdiz, muitas vezes traindo a própria autoria.

O entorno cultural palinódico propõe reinaugurar a experiência da produção do conhecimento na contemporaneidade, aproximando o senso comum cultural do saber disciplinar científico. Para tanto, é necessário reconhecer o papel cognitivo das imagens, o caráter dialógico das sonoridades e os desdobramentos sinestésicos de uma corporeidade da escritura. Estas características estão muito mais resguardadas no modo de ser oral do senso comum cultural, do que no meio científico, onde imagens e sonoridades continuam sendo apenas ilustrações de conceitos no interior e abordagens

disciplinares.

Questões da historicidade

O senso comum cultural está calcado nas condições sócio-culturais que instituem uma dada comunidade. Vico faz referência ao senso comum como uma universalidade concreta que promovia um sentido comum de justiça (bem comum), adquirido e desenvolvido por meio das experiências de vida em comum. Sua abordagem segue a origem grega do conceito, no caminho da definição de *Koine dynamis* de Aristóteles (*De anima*), adaptando a doutrina dos sentidos específicos (*aisthesis idia*) à interpretação que identifica toda percepção como uma diferenciação e uma opinião com o universal. A base de Vico também está calcada no sentido romano de *senso comum*, que destaca a importância da vida em geral, sobretudo, as relações entre os aspectos civis e sociais. Portanto, a essência deste conceito está sustentada pela existência moral e histórica do homem, destacando seus feitos e suas obras, inclusive e, sobretudo, as culturais. Neste contexto, valores universais só adquirem relevância quando sustentado por circunstâncias da vida vivida.

Num caminho totalmente diverso, em sua *Crítica do juízo*, Kant dá ênfase à relação entre senso comum e suas caracterizações da moral, mas situando-o numa trajetória contrária à tradição da filosofia inglesa do “sentimento moral”. O resultado é que na tradição kantiana o senso comum não representa mais nenhum papel importante no sentido lógico-prático, pois neste contexto importa ressaltar os conceitos que, a priori, estejam logicamente relacionados com seus objetos, negando qualquer sentido que destaque o individual no universal. A partir da obra kantiana, os setecentos estruturaram cada vez mais um racionalismo moderno, que acabou radicalizando as fissuras entre conhecimento disciplinar lógico-científico e o senso comum. O restante deste relato, pode ser sintetizado por Maffesoli:

“É assim que, num tempo em que se inicia a pós-modernidade, não é inútil indagar sobre as características essenciais de tal racionalismo. Menos para criticá-lo ou ultrapassá-lo, do que para ver como, depois de ter sido um instrumento de escolha na análise da vida individual e social, ele esclerosou-se e, por isso mesmo, torna-se um obstáculo à compreensão da vida em seu desenvolvimento.” (Maffesoli, 1998 p. 31)

Em meio ao furação da ascensão racionalista, Vico posicionou-se contrário ao fato de que, na busca de valorização da construção de um método de pesquisa objetivo, as ciências do homem buscavam anular todo estranhamento produzido pelo senso comum, por meio de propostas temáticas cada vez mais especializadas. Percebeu que a metáfora, a fábula, as lendas etc., estavam sendo esquecidas por meio de um discernimento que as identificavam como inconsequentes às potencialidades de compreensão do mundo. No parágrafo 186 da *Ciência Nova*, diz: “O labor mais sublime da poesia está em dar sentido e paixão às coisas insensíveis e é uma característica das crianças o tomarem coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se elas fossem pessoas vivas.” (Vico, 1990: p. 67) Um valor de experiência estética que nunca deveríamos perder e que pode ser mantido, ao longo da vida, pelo manifestar partilhado da experiência estética como compreensão.

Esta ruptura indicada aqui (simbolizada pelas abordagens de Vico e de Kant), que afastou do universo de produção disciplinar do conhecimento a valorização dialógica com o senso comum, sobretudo, nas ciências humanas e sociais, acabou sendo responsável pela sobrevivência deste como objeto de observação. Ou seja, um mundo que necessita somente dos conceitos teórico-disciplinares para existir de forma qualitativa.

O senso comum cultural é uma rede de apropriações de sentidos movidos e circunstanciais e é com ele que temos tudo ainda o que aprender. A criação de sentidos é a maneira de praticar essa apropriação e o cotidiano seu palco de temporalidades sobrepostas. Daí ele ser indisciplinado no ato de consumir e produzir cultura ao mesmo tempo em que é uma usina de produção de sentidos, na qual o mundo do consumo acadêmico disciplinar não cansa de buscar conteúdos para avaliar sua própria existência. A verdade é que no fundo das entranhas institucionais do saber, ainda persiste um grande desprezo e instrumentalização do senso comum cultural, por parte do que poderíamos chamar de “senso comum ilustrado”.

O desprezo das massas é um ataque que o filósofo Sloterdijk desfere contra o “senso comum ilustrado”. As massas são desprezadas pois ainda representam, cinicamente, “objetos” de pesquisa para as mais diversas disciplinas. A ironia contemporânea aponta para o fato de que, a fim de podermos permanecer “humanistas”, temos de nos tornar cibernéticos interdisciplinares, diz Sloterdijk que atualizando o famoso aforismo de Heidegger a respeito de Hölderlin afirma: *lá onde há o perigo, também cresce o que salva*.

O senso comum cultural, portanto, pode ser compreendido como um conjunto de sentidos compartilhados, que permite a todos membros das comunidades experimentar um universo simbólico comum. Esta é a condição primeira para que a comunicação aconteça como base dos diálogos práticos da vida social. A grande guinada do mundo contemporâneo ocorreria a partir da passagem de uma formação e educação para a arte e para o senso comum, para uma educação pela experiência estética e pelo senso comum, como se essa fosse a antítese de uma forma de vida autêntica e inimitável.

“Depois que a cientificidade disciplinar se atribuiu lugares próprios e apropriáveis por projetos racionais capazes de colocar zombeteiramente seus procedimentos, seus objetos e as condições de sua falsificação, depois que ela se fundou como uma pluralidade de campos limitados e distintos, em suma, desde que não é mais do tipo teológico, ela constitui o todo como seu resto, e esse resto se tornou o que chamamos de cultura.” (De Certeau, 1996, p. 280)

O entorno cultural palinódico

Nossa proposta não tem por intenção “superar” o senso comum em suas supostas contradições ou imprecisões, mas expandir os espaços formais da produção científica interdisciplinar, no sentido de explicitar um diálogo e uma equiparação de discursos entre os múltiplos sentidos desenvolvidos na cultura popular e produtos acadêmicos. Neste aspecto, o entorno cultural palinódico pode ser traduzido em ambientes digitais.

A utilização de recursos audiovisuais e hipermídias, chamando para si esta

responsabilidade, demanda que a pesquisa científica transforme algumas de suas premissas. Uma das questões essenciais é assumir a experiência estética (na forma de metáforas, criações imagéticas etc.) como uma de suas características expressivas, transformando muito mais suas normatizações do que propriamente o rigor conceitual-teórico característico da reflexão acadêmica. Estes ambientes não seriam simplesmente de mediação, mas de interlocução entre um saber interdisciplinar político-teórico eticamente construído e um saber popular orgânico esteticamente constituído.

Quiçá esta proposta não possa representar uma tentativa de experimentar a razão sensível (Maffessoli), que sem negar as demandas do rigor conceitual-acadêmico, assemelha-se àquilo que lhe serve de fundamento e legitimidade, ou seja, promovendo um encontro entre o que é próprio do senso comum cultural, como a renovação das propriedades que definem o saber universitário. A aproximação entre a corporeidade sinestésica (um saber corporal-oral) do primeiro, com a expressão topopoeiética das reflexões teóricas. A interlocução entre o modo de ser da linguagem orgânica do primeiro com a imaginária reabilitação da *koiné aisthesis* em suas dependências comunitárias da filosofia grega.

No entanto, todo este processo de aproximação dos saberes acadêmicos e comunitários, objetiva promover a criação de ambientes de equivalência às questões topo-políticas nos ambientes de exposição do saber e, não, transformar um saber no outro. Não faz sentido continuarmos pesquisando sobre o senso comum cultural de determinados contextos comunitários, seguindo somente uma finalidade que se justifique, do início ao fim, somente no ambiente acadêmico com um nível pífio de socialização dos resultados. O que faz sentido na contemporaneidade é que o saber acadêmico aprenda e divida espaços de aprendizagem com o senso comum cultural com o qual interage. Uma espécie de filosofia às avessas, por meio da qual não intencionamos apenas nossos pares da academia, mas possamos criar condições de respeito e convivência intelectual com um tipo de intelectualidade orgânica que raramente foi considerada como tal.

Independente da realização desta proposta, o senso comum cultural age como expressividade de um traço unário que depende, concomitantemente, da retomada de sua tradição como da projeção de sua continuidade. É esta característica que delega ao senso comum cultural uma impossibilidade de ser congelado em conceitos ou em temporalidades, pois estas estão sempre em movimento e desconstroem a noção pasteurizada, por exemplo, que o saber oficial disciplinar lhe confere. Estas características de temporalidades diversas expressam o que Maffessoli chamou de “enraizamento dinâmico”, um saber corporificado que, de geração em geração, constrói um substrato cultural que assegura sua perduração. Por um lado, é o “enraizamento dinâmico” que possibilita a pesquisa acadêmica, pois é centro irradiador de experiência com o mundo, por outro lado, tem suas formas de vida abandonadas nas versões disciplinares metodológico-institucionais do saber que se apresentam como especialistas das temáticas comunitárias. O mundo da vida que está presente no senso comum cultural, é a fonte de experiência para tudo o mais que possa se referir a ele, inclusive, o saber acadêmico e, não, o contrário.

“Assim, ignorando-se as diversas manifestações do senso comum, deixa-se oculta a maior parte da vida cotidiana que, verdade seja dita, tem bem pouca coisa a ver com os sistemas teóricos que repousam, essencialmente, em entidades abstratas.” (Maffesoli, 1998 p.254)

A grande questão não está em acirrar a ruptura cognitiva das formas científica e do senso comum cultural de compreender o mundo, mas em promover possibilidades de campos midiáticos que possibilitem um diálogo profícuo entre ambas formas de produzir conteúdo. Neste sentido, sobretudo em caráter interdisciplinar, precisamos construir novos espaços de expressão do conhecimento como consequência deste diálogo. O resultado desta busca está intimamente associado ao princípio de enfatizar as formas de estar no mundo dos aspectos sensíveis da existência, ampliando as expressividades das abordagens estéticas da vida sócio-cultural próprias do senso comum. Estas novas buscas e experimentações criam novos desafios teóricos, frutos do encontro entre a forma de vida comunitária e as raízes teóricas que fundamentaram a pesquisa. Numa espécie de ampliação da proposta de leitura do *rébus* como metodologia desenvolvida por Walter Benjamin, o encontro palavra-imagem como forma de filosofar, delegando ao senso comum um status epistemológico que revela, muitas vezes sem intencionalidade, a polemologia cultural entre formas diversas de pensamento que atualizam o conceito de gênio, sempre na versão coletiva, como sinônimo de um encontro dialógico entre comunidades.

“Independentemente do modo como tenha sido formulado, o discurso especializado sempre manteve distância em relação ao senso comum. Na melhor das hipóteses, este último será considerado como material bruto que convém interpretar, ainda que seja triturando-o, desnaturando-o, corrigindo-lhe a “consciência equivocada”. Na pior, o empenho se fará no sentido de superá-lo, pura e simplesmente, considerando não passar de pura ideologia. Entre as duas pode-se encontrar toda uma gama de atitudes que têm por ponto comum a suspeição em relação àquilo que está, indelevelmente, marcado com o selo do que pode ser denominado, no sentido etimológico, “debilidade” popular.” (Maffesoli, 1998 p. 245)

O entorno cultural palinódico, na forma como temos trabalhado, propõe estratégias de produção partilhada do conhecimento (entre universidades e comunidades), que explicita os vínculos sociais contemporâneos, tanto em suas dimensões conceituais teóricas quanto culturais de tradição oral. Esta nova forma de explorar as coletividades comunitárias tem sido trabalhada em alguns produtos hipermídia, no interior dos quais estão presentes tanto as narrativas da corporeidade do senso comum cultural, quanto as reflexões acadêmicas das temáticas abordadas como resultados das interlocuções destes diálogos. Por exemplo, num mesmo ambiente digital apresentamos filmes produzidos por membros de comunidades indígenas ou afrodecendentes, bem como teses e dissertações de pesquisadores que conviveram com tais comunidades. As investigações científicas, justamente por terem explorado dimensões estéticas dos conceitos teóricos propostos, acabam abrindo um estilo de comunicação que tem encontrado compreensão por parte dos moradores locais. Ainda cabe destacar que os produtos destas interlocuções, em filmes e ambientes digitais, agem como fonte de renda para as comunidades. Ao mesmo tempo em que podemos garantir a inauguração de novas formas de socialização da produção do conhecimento, que atua em três sentidos: primeiro, que o conhecimento do senso comum cultural é socializado no meio acadêmico, segundo que o conhecimento acadêmico é socializado nos ambientes comunitários populares e, terceiro, que a soma de ambos propicia uma socialização

aberta na WEB destes processos.

Na experiência com comunidades bororos desenvolvemos, em parceria, ambientes (entorno cultural palinódico) que apresentam tanto os filmes produzidos pelos moradores das comunidades, quanto os trabalhos acadêmicos sobre estes processos de produção audiovisual, assim como propostas interativas de acesso aos conteúdos que intencionam apresentar em equivalência todos estes saberes. A verdade não está no método, nem no conceito teórico, nem nas abordagens culturais comunitárias, mas nos diálogos entre estas epistemologias.



O ambiente propõe a reticularidade fílmica como abordagem central: são os filmes produzidos pelos moradores da comunidades que agem como interlocutores de todas abordagens temáticas. No caso ao lado, o filme Boe Ero Kurireu (A grande tradição bororo), realizado por Paulinho Ecerae Kadojeba, é decomposto em temáticas permitindo tanto o acesso linear quanto não-linear ao conteúdo audiovisual.



Escolhendo uma das temáticas, ou mesmo deixando o filme correr, ao lado direito superior, acessamos um ambiente que apresenta de forma equilibrada os saberes de

tradição oral comunitários, os acadêmicos e o resultado do diálogo entre ambos.

O resultado é que a produção de conhecimento passa a ser produto de um conjunto reticular de conversações e convivências, equiparando conceitos e estéticas acadêmicas à oralidade e corporeidade do estar no mundo do senso comum cultural. Trata-se da soma de dois modos de vida já arcaicos: de um lado, o acadêmico que não olha mais para as comunidades como “fontes documentais”, mas como parceiros; do outro lado, o saber centenário do conhecimento, corporificado no senso comum, que é apresentado por meio da vitalidade de suas dimensões epistemológicas já acostumada a domesticar as técnicas.

Na experiência com comunidades afrodescendentes, os entornos culturais palinódicos estão presentes em ambientes hipermídia que promovem o diálogo entre filmes (reticularidade filmica), entre pesquisadores e moradores das comunidades e entre inúmeras culturas, denominadas afro-atlânticas, que mantém vivas as mais diversas variações de rituais que envolvem a Coroação de Reis Congo.



Neste ambiente, há um astrolábio que indica as temáticas organizadas e oferecidas como produto dos diálogos e acordos entre pesquisadores e membros das comunidades. Todo conteúdo está exposto de forma randômica e, em grande parte, aleatória, respeitando as especificidades características de cada etapa dos rituais. O ambiente continua em construção e a proposta é que não tenha fim, pois deve servir como um campo aberto para a inserção dinâmica de conteúdos.

Filmes, fotografias, áudios e narrativas de temáticas afrodescendentes, estão centrados nas narrativas dos moradores das comunidades. São justamente estas que organizam os conteúdos acadêmicos interdisciplinares. O resultado geral elege experiências estéticas (sonoras, visuais e verbais) como a expressividade epistemológica das temáticas propostas.



O encontro dos horizontes de experiência estética (nas margens digitais), do senso comum cultural e do conhecimento acadêmico, indica que o modo de ser da compreensão nunca pode ser entendido simplesmente como um fato ou um acontecimento metodológico. Nestes entornos culturais palinódicos, o desafio de manter-se aberto ao outro e navegar por meio da valorização do si próprio, está superlativizado. A atuação prática da razão cede lugar à ação do sentido comunitário que, diga-se de passagem, jamais será global. Na verdade, é o contrário, o comum só faz sentido quando construído a partir de sua historicidade local. A educação deveria promover este encontro, no entanto, sua tradição é sempre iniciar pelas universalidades das visões globais, parodiando Sloterdijk, poderíamos dizer: eles sabem muito bem o que fazem mas ainda assim o fazem.

A consequência aponta à criação de ambientes no interior dos quais as tradições científicas e culturais (enquanto atuação do senso comum) promovam um diálogo que some na direção da construção de redes sociais promovidas com base numa mútua erosão signíca.

No encontro com o senso comum comunitário, o provisório se transforma em efetivo e, assim, toda efetividade só sobrevive na efemeridade. Tal como o mundo se apresenta a nós, a experiência nos absorve, nos envolve, nos encasula, literalmente. O caminho ou código não são mais os meios, ou vice-versa; o meio é o mundo em sua expressividade de senso comum, o sentido em sua dimensão palinódica, assim como aquelas experiências com a arte que nunca terminam de significar, que nunca cessam de se inscrever. O “óbvio”, o “coerente”, o que “tem sentido”, o que “está claro” é o caminho do desbravamento de novos horizontes, que só podem ser construídos no diálogo. No interior de propostas da construção de entornos culturais palinódicos, a técnica é subjugada e domesticada pelas relações dialógicas.

Explorar as características do modo de ser da compreensão heterárquica na forma como tem sido construída na contemporaneidade, ou seja, baseada muito mais no perguntar do que no responder, na casualidade do que no previsto, no equívoco do que no inequívoco, na busca do que na conclusão e no desvio do que no retilíneo. A comunicação heterárquica desenvolve expressividades da linguagem que sempre estiveram presentes no modo de ser do cotidiano e do senso comum cultural.

Os entornos culturais palinódicos, ao contrário da tradição das mídias massivas, nos apresentam de forma indelével o modo de ser da compreensão não linear no lugar da sequencialidade narrativa; as expressividades híbridas multimidiáticas no lugar da tradição da ênfase no visual, no sonoro ou no verbal; os jogos de linguagens no lugar das unidades discursivas; a constância da visão paralática no lugar da observação objetiva; e o manifestar palinódico interdisciplinar da linguagem no lugar da harmonia absoluta do conhecimento disciplinar. Fica novamente a pergunta: como fazê-lo sem redefinir as estruturas disciplinares e midiáticas do poder do conhecimento que agem como formalização e divulgação do saber acadêmico?

Referências

- Bairon, Sérgio. *Texturas sonoras*. São Paulo, Ed. Hacker, 2007.
- _____. “Tendências da Linguagem Científica Contemporânea em Expressividade Digital.” *Cibertextualidades*, Portugal - Porto, v. 1, n. 1, p. 83-104, 2006.
- Bairon, Sérgio & RIBEIRO, José da Silva. *Antropologia Visual e Hipermedia*. Porto, Afrontamento, 2008.
- De Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- _____. *L'écriture de l'Histoire*. Paris, Éditions Gallimard, 1975.
- _____. *La culture au pluriel*. Christian Bourgois, 1980.
- Durand, G. A imaginação simbólica. Lisboa: Edições 70, 1999.
- _____. *Science de l'homme et tradition*. Paris: Berg International, 1979a.
- _____. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Arcádia, 1979b.
- _____. *Mito, símbolo e metodologia*. Lisboa: Presença, 1982.
- _____. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.
- Foucault, M. *Hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Martins Fontes, 2006.
- Maffesoli, Michel. *Elogio da razão sensível*. São Paulo, Editora Vozes, 1998.
- _____. *No fundo das aparências*. São Paulo, Vozes, 1996.
- Piault, Marc. H. *Antropologia y cine*. Madrid, Cátedra, 2002.
- Pink, Sarah. *The future of visual anthropology*. New York, London, Routledge, 2006.
- _____. *Doing, Sensory, Ethnography*. London, Sage, 2009.
- Sloterdijk, Peter. *Sphären I. Blasen*. Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main, 1998.
- _____. *Sphären II. Globen*. Suhrkamp Verlag Frankfurt am, 1999.
- _____. *Sphären III. Schäume*. Suhrkamp Verlag Frankfurt am, 2006.
- _____. *O desprezo das massas*. São Paulo, Estação Liberdade, 2002.
- Vico, Gianbatista. *Ciência Nova*. Lisboa, Cotovia, 1990.